



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**DAIANE THALITA OLIVEIRA FERREIRA
ELIANA KÁTHIA DE GOUVÊA
GABRIELA APARECIDA HENRIQUES
MÁRCIA CARLA PEREIRA COSTA
TAMY STAELLA BARBOSA AIRÃO**

PORTFÓLIO ACADÊMICO

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

LAVRAS - MG

2020

**DAIANE THALITA OLIVEIRA FERREIRA
ELIANA KÁTHIA DE GOUVÊA
GABRIELA APARECIDA HENRIQUES
MÁRCIA CARLA PEREIRA COSTA
TAMY STAELLA BARBOSA AIRÃO**

PORTFÓLIO ACADÊMICO

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Portfólio Acadêmico apresentado ao Centro Universitário de Lavras, como parte das exigências para conclusão do curso de graduação em Pedagogia. Orientadora: Prof^a. Ma. Aline Fernandes Melo

LAVRAS - MG

2020

D441 Desafios e Possibilidades na formação do Pedagogo /
Daiane Thalita Oliveira Ferreira... [et al.]. – Lavras:
Unilavras, 2020.
48 f.: il.

Portfólio Acadêmico (Graduação em Pedagogia) –
Unilavras, Lavras, 2020.
Orientador: Profa. Aline Fernandes Melo.

1. Multiletramentos. 2. Formação continuada. 3.
Alfabetização. 4. Letramento. I. Gouvêa, Eliana Khátia de. II.
Henriques, Gabriela Aparecida. III. Costa, Márcia Carla
Pereira. IV. Airão, Tamy Staella Barbosa. V. Melo, Aline
Fernandes (Orient.).VI. Título.

**DAIANE THALITA OLIVEIRA FERREIRA
ELIANA KÁTHIA DE GOUVÊA
GABRIELA APARECIDA HENRIQUES
MÁRCIA CARLA PEREIRA COSTA
TAMY STAELLA BARBOSA AIRÃO**

PORTFÓLIO ACADÊMICO

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

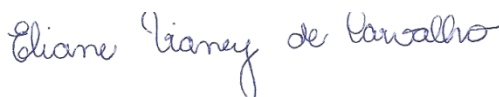
Portfólio Acadêmico apresentado ao Centro Universitário de Lavras, como parte das exigências para conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

APROVADO EM: 25 de novembro de 2020.



Prof^ª. Ma. Aline Fernandes de Melo

ORIENTADORA



Prof^ª. Dra. Eliane Vianey de Carvalho / UNILAVRAS

MEMBRO DA BANCA

LAVRAS - MG

2020

AGRADECIMENTOS

Hoje, somos pessoas mais completas, realizadas e confiantes, nos sentimos vitoriosas por alcançarmos uma etapa imensamente especial em nossas vidas.

Nossos corações estão cheios de alegria e queremos agradecer aos que estiveram ao nosso lado nesta caminhada.

Agradecemos a Deus, que por tua graça e infinita generosidade, nos amparou e nos guiou durante nossos percursos.

Gratidão as nossas famílias, que sempre acreditaram que o sonho da nossa formatura seria possível, nos apoiaram e não nos deixaram desistir.

Aos nossos professores, tutores e a nossa coordenadora de curso, por todos os ensinamentos compartilhados, pela paciência e dedicação, temos grande admiração por vocês.

À nossa amizade, que tornou esses quatro anos ainda mais especiais.

E, a nossa orientadora, professora e amiga, Ma. Aline Fernandes Melo, pela dedicação e disponibilidade, nossos sinceros agradecimentos.

A vocês, nossa eterna gratidão!

DEDICATÓRIA

“E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens.” Colossenses 3:23

Dedicamos nosso trabalho primeiramente a Deus, que foi o nosso foco do início ao fim e será por toda profissão.

A todos os familiares que com apoio nos fortaleceram.

Aos amigos que compreenderam a todas nós que caminhamos juntas em um bem comum.

Em especial dedicamos a todos os alunos que serão tocados e mudados pelos conhecimentos adquiridos durante todo o curso.

A todos os que ainda acreditam na Pedagogia como formadora de uma sociedade melhor.

Dedicamos também aos professores que fizeram parte de todo nosso processo de maneira positiva, destacamos a Orientadora deste trabalho Ma. Aline Fernandes Melo, pela paciência, dedicação e pelo conhecimento conosco divididos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Grupo da Daiane durante a apresentação do Cordel.....	11
Figura 2 - Todos os participantes da atividade do Cordel	14
Figura 3 - Eliana realizando a contação de história em uma turma da Educação Infantil	16
Figura 4 - Tamy contando uma história para seus sobrinhos.....	16
Figura 5 - Márcia durante a atividade do Banner	21
Figura 6 - Gabriela durante a apresentação do Banner	22
Figura 7 - Eliana e Márcia durante a capacitação dos professores por videochamada	23
Figura 8 - Tamy durante capacitação dos professores no Google meet	24
Figura 9 - Vídeo gravado por Daiane para apresentação do PowerPoint	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DESENVOLVIMENTO	10
2.1	Cordel	10
2.2	Contação de História	14
2.3	Banner	18
2.4	Estágio Supervisionado III - Letramento Digital	22
3	APORTE TEÓRICO	27
4	CORRELAÇÃO TEÓRICA	35
5	AUTOAVALIAÇÃO	42
6	CONSIDERAÇÕES	45
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Pelo percurso que nos trouxe até o presente momento observamos a formulação e reformulação do papel do pedagogo na sociedade e por base nisso desenvolvemos este portfólio, tendo como objetivos: descrever as atividades vivenciadas durante o curso que estimularam a criação deste trabalho, demonstrar como essas atividades foram construídas, interpretar e correlacionar como os conceitos se relacionam com as atividades, e refletir para realização das práticas.

Cada atividade foi desenvolvida em um período do curso, em ambientes diferentes. O Cordel foi realizado no Centro Universitário de Lavras, a contação de história: de Eliana foi em um CMEI, Márcia também em um CMEI e eu, Tamy, e Gabriela fizemos em casa. A atividade do Banner: Márcia fez em um Colégio da rede particular, Eliana em uma Escola Municipal, Daiane também em uma Escola Municipal e eu, Tamy, em uma Escola particular. O Estágio III, devido à pandemia causada pela COVID – 19, todas nós realizamos de forma remota em uma Escola Municipal.

Como o portfólio traz as vivências durante a graduação, explicitamos inicialmente, de forma sucinta, nosso percurso anterior ao ingresso na Pedagogia. Márcia e Daiane estão na sua primeira graduação, Gabriela também, porém, tem um curso técnico em saúde bucal pelo Unilavras. Eliana possui habilitação para magistério nível médio, cursado no ano de 1988, e já atua na educação há 11 anos e eu, Tamy, estou na minha segunda graduação, já sendo formada em Gestão Comercial nesta mesma Instituição de ensino.

Quanto ao futuro, estamos ansiosas para colocar em prática tudo que já aprendermos e ampliar ainda mais esses conhecimentos por vivências com profissionais mais experientes. Além disso, já temos uma ideia quanto às especializações a serem realizadas. Gabriela e eu, Tamy, pretendemos nos especializar em Educação Especial, Daiane tem o desejo de aprofundar mais nos conhecimentos para a Educação Infantil, já Eliana deseja se voltar para a área de Psicopedagogia e Márcia em Alfabetização e Letramento. É de muita valia ressaltar que com base no desenvolver desse curso percebemos que a formação continuada do professor vai além de um diploma de especialização, mas está ligado também a estar atento ao cotidiano e a sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste trabalho é composto por relatos de vivências, escolhidas de forma conjunta, das cinco participantes do grupo. Trata-se de uma escrita em grupo que apresenta diferentes pontos de vista sobre a mesma atividade. Intitulamos as atividades de forma ilustrativa. Inicialmente, apresentamos a vivência da atividade intitulada Cordel, na sequência a Contação de Histórias, posteriormente o Banner e por último o Estágio Supervisionado III – Letramento Digital.

2.1 Cordel

Esse é um relato de experiência da atividade de Metodologias Ativas realizada em um encontro presencial, no ano de 2017, no 2º período deste curso, desenvolvido pelas alunas Daiane, Eliana, Gabriela e Márcia; eu Tamy não estava presente nesse encontro. As alunas foram divididas em grupos de até 6 pessoas e agrupadas com base nessa divisão para a realização da tarefa. Os professores das disciplinas cursadas no momento reproduziram o vídeo "Cordas" (disponível no Youtube) seguido de uma discussão sobre inclusão que foi desde sua definição, sua importância, se é ou não praticada e o papel do pedagogo nesse processo.

Com base nisso cada grupo escolheu um tema para desenvolver um cordel, que foram pendurados em um barbante simulando um varal. Além do texto cada trecho veio acompanhado de uma ilustração. Para isso foram disponibilizados materiais como papéis coloridos, folhas, retalhos, barbantes, cola, canetas, lápis e diversos materiais adequados e necessários.

Após a produção, cada grupo elegeu apenas um representante para fazer a narração da história, passando por cada etapa da construção do cordel de forma que concedesse a plateia uma rica vivência do que estava sendo contado por meio da imaginação. Seguido disso foi necessário apresentar as considerações sobre o trabalho desenvolvido, trazendo aos professores um *feed back*. É de relevância citar que tudo isso foi realizado das 9 horas da manhã ao meio-dia, pois isso é um dado que gerou considerações pontuais sobre a atividade.

Cada aluna teve um ponto de vista sobre a experiência vivida, no entanto todas, inicialmente, se sentiram apreensivas e inseguras por não terem uma base prática e até teórica sobre o gênero textual apresentado. Gabriela sentiu como uma

grande oportunidade ao perceber que a vivência é similar em diversos pontos à prática de um projeto e todo seu percurso em sala de aula. A atividade para ela se mostrou como um teste, pois ela percebeu se realmente deveria seguir a carreira de pedagoga ou não.

A figura (1) abaixo ilustra um dos momentos da vivência da atividade do Cordel.

Figura 1 - Grupo da Daiane durante a apresentação do Cordel



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

Exceto Eliana, inicialmente, todas se sentiram perdidas por tanto trabalho manual, até mesmo com o tema levantado. O fato de não terem contato ou se quer feito uma reflexão profunda sobre formar um trabalho com um tema e desenvolvimento, inclusivo em pauta, foi desafiador. Entretanto, percebeu-se ao final que a base teórica e a ajuda dos professores e colegas de grupo se mostraram eficazes e satisfatórias no resultado alcançado. Eliana já tem mais contato com projetos em sala de aula por já estar inserida nesse ambiente e teve mais facilidade e desenvoltura, por isso ficou fascinada com o fato de ser um novo gênero textual do qual não havia desenvolvido nenhum trabalho.

Márcia ressaltou o desafio que foi realizar um trabalho tão novo e complexo em um curto espaço de tempo, pois mesmo se todo o tempo fosse destinado à

confeção ainda seria pouco, mas como explicado anteriormente houve mais etapas para a realização que diminuiriam o tempo da confecção, mas, na sua opinião todas superaram as expectativas.

Todas ressaltam que foi novo pensar a inclusão e discorrer de maneira lúdica sobre o tema, onde foram trocadas ideias novas que até então não haviam sido pensadas. A experiência deu voz ao tema e deu mais percepção e preocupação sobre ele. Outro desafio foi a divisão dos grupos, pois nenhuma foi colocada no mesmo grupo, o que gerou uma expulsão da zona de conforto de sempre estar com as mesmas pessoas, trabalhando assim a capacidade de relacionamentos.

Um dos pontos positivos da atividade foi despertar um olhar mais sensível para a inclusão, retirando isso do campo de apenas uma teoria distante e transportando para uma reflexão que um dia isso será realidade e culminará na necessidade dessa prática. Sabendo que a inclusão não é apenas colocar uma criança com alguma deficiência dentro da escola, mas, dar a essa o suporte necessário para que o resultado almejado pela educação seja alcançado.

A atividade traçou ideias para até mesmo estimular o interesse de especializações em educação especial, despertando valores e um senso de responsabilidade maior sobre o tema. Por ser algo tão prático e estar ligado ao que as pessoas sobre a ideia de ser pedagogo e estarem em contato com trabalhos manuais, gêneros textuais, a ludicidade e criatividade, a atividade proporcionou uma prova do que será vivenciado futuramente na atuação da profissão, durante a realização percebemos a correlação teórica e prática e vimos o que seria utilizado futuramente na profissão.

Ainda que a experiência tenha diversos pontos positivos o fato de não haver um aviso prévio detalhado do que seria a atividade gerou insegurança e medo, e o tempo também foi curto para algo tão complexo. Daiane acrescentou que a atividade poderia ter sido realizada novamente, pois hoje temos uma base teórica e mais vivências, o que iria enriquecer tanto a discussão quanto a criação do cordel.

Houve desenvolvimento da escrita que foi um verdadeiro teste de criatividade para adequação do tema ao estilo literário, além do fato de ter que formar uma história, personagens, ilustrações, dar vida às rimas trazendo harmonia e sentido ao texto.

As capacidades motoras também foram aproveitadas para a confecção das ilustrações de forma artesanal, clara, lúdica e inclusiva. Proporcionou o

desenvolvimento da oralidade visto que a apresentação foi para os professores e demais alunos, levando assim a prática da adequação da postura corporal, da entonação, fala e gesticulação tanto no momento da confecção em conversas com o grupo tanto na apresentação.

Foi gerada uma comoção em todos os envolvidos por se tratar de um tema tão delicado e real. Ao serem levantados exemplos de pessoas do convívio que apresentam alguma deficiência e suas experiências com a educação despertou mais do que uma responsabilidade quanto o papel da pedagogia e da inclusão, a abrangência atingiu o lado pessoal e humano, levando a uma reflexão sobre como é vista a deficiência e como é a resposta de cada um à inclusão dentro e fora do ambiente escolar.

Como alguém que não teve essa vivência, eu Tamy, em conversas com as colegas puder perceber a riqueza da atividade e seus resultados. A utilização de bases teóricas que já tinham sido estudadas foi fundamental para que eu, hoje, possa perceber a importância de uma atividade assim, que por mais que possa ter pontos negativos se mostra eficiente no que se diz respeito a resultados. Ouso dizer que pode até extrapolar aquilo que antecipadamente havia sido estipulado pelos professores por ser tão marcante. A educação especial hoje faz parte da minha vida e fico impressionada com os relatos de todas citadas acima, vivencio no meu cotidiano a importância da inclusão e o quanto algo assim pode despertar e trazer para a nossa visão pessoas antes invisibilizadas.

Além do tema levantado, o conhecimento de um novo gênero textual vai além de uma base teórica e mais um termo acumulado, percebe-se uma transmissão e propagação da cultura e conseqüentemente o enriquecimento cognitivo, desperta o desejo de buscar mais pelo saber e a noção de que há muito a se aprender. Desafios nos tiram de nossa zona de conforto e aumentam a visão, o fato de não estar lá no dia da atividade não me permitiu vivenciar a plenitude da atividade, porém é inegável que os resultados me alcançaram, tanto por relatos quanto pela troca de ideias, as dificuldades enfrentadas por minhas colegas de curso chegaram até mim como resultados palpáveis e uma bagagem de conhecimento mais rica e preciosa.

A figura (2) ilustra o momento de registro de todos os participantes da atividade do Cordel.

Figura 2 - Todos os participantes da atividade do Cordel



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020).

2.2 Contação de História

A experiência foi uma proposta desenvolvida de maneiras distintas pelas alunas, exceto Daiane, que não a realizou. Foi feita uma contação para um grupo de crianças em que cada uma poderia escolher por seu crivo o livro, além disso enriquecendo a experiência, utilizando as teorias estudadas que vão desde entonação, expressões, aparatos como fantoches, figuras, fotos e músicas, tudo isso na disciplina do 4º período, cursado no segundo semestre do ano de 2018, sob a supervisão de uma professora que nos orientou para na preparação e realização da atividade.

Foi previamente ensinado sobre a importância do bom comportamento e da boa comunicação, tanto com a gestão da escola quanto com a professora da classe, para o agendamento. Além disso, a postura e as vestimentas, o respeito e cuidado com as crianças também foram citados. Com isso fomos levadas à reflexão de onde seria o melhor local para a realização dessa atividade, o que gerou uma expansão de nossa visão sobre o tema, pois duas alunas, Márcia e Eliana, optaram por contar em um ambiente escolar em salas de Maternal III, enquanto Gabriela e eu, com crianças da família que não necessariamente têm a mesma idade. Com base na escolha do local e público-alvo deu-se início à prática da atividade.

Como a atividade de contação é essencial para o desenvolvimento do imaginário infantil atentamos para a responsabilidade que é cada história apresentada às crianças. A partir disso fez-se necessário uma pesquisa sobre qual livro e tema seria mais apropriado para cada uma contar. Márcia optou pelo conto de fadas “Branca de Neve e os Sete Anões”, em que pôde fazer o uso da musicalização, ensinando as crianças a canção dos sete anões, ela também pôde levar às crianças a reflexão sobre temas que podem ser observados na história, como não aceitar coisas de estranhos, o cuidado de uns para com os outros, o valor da amizade, as emoções representadas por cada anão e sobre os sentimentos ruins apresentados pela Bruxa, como inveja e os bons, como é o caso do caçador que teve misericórdia da Branca de Neve.

Já Eliana contou a história do “Pássaro sem cor” que é voltada para o ensinamento da ajuda ao próximo, bondade e empatia, com a utilização de palitoques no formato de pássaros pôde contar a história e exemplificar a jornada de seu personagem principal.

Eu, Tamy, fiz minha escolha com base em algo que seria atrativo a crianças de diferentes idades (10, 8, 6, 3 e 1), logo trouxe um livro informativo sobre o espaço, os planetas, as estrelas, com vários aparatos e dobraduras que sempre revelavam uma curiosidade com tema central e coisas relacionadas. O livro por si só se mostrou um aparato eficaz para despertar de forma lúdica a curiosidade e interesse de todos, porém acrescentei músicas como “O foguete vai subindo”, para dar início à contação introduzindo o tema.

Gabriela escolheu o livro “Pedro vira porco espinho”, com base no conhecimento prévio do momento que a criança estava vivendo (seu afilhado de 3 anos). O livro conta sobre sentimentos positivos e negativos, mostrando a naturalidade do sentir e dando um entendimento sobre um tema que se mostra delicado algumas vezes já que trabalha no emocional, a ele foram somadas as imagens ricas que se mostraram adequadas e eficazes no momento da contação.

Figura 3 - Eliana realizando a contação de história em uma turma da Educação Infantil



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

Figura 4 - Tamy contando uma história para seus sobrinhos



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

Sobre os sentimentos e aprendizados da atividade destacamos o interesse e a interação das crianças durante a história e o reconto. Pudemos perceber a importância do tom de voz, quais as perguntas podem ser feitas às crianças para

enriquecer a discussão e aguçar a imaginação, das atividades pós-leitura e assim ver o que estávamos aprendendo na teoria sendo colocado em prática de maneira até simultânea foi ótimo.

Saber que as histórias não são só para preencher o tempo, mas têm um papel fundamental no desenvolvimento infantil, fazendo com que consideremos uma das atividades mais prazerosas do curso, pois proporcionou não apenas um bem-estar aos alunos, mas também aos professores em formação, que puderam abordar vários assuntos de forma leve, lúdica, com trocas de experiências simultâneas com os alunos, despertando a imaginação e o faz de conta, trazendo criatividade.

A aluna Márcia teve seu primeiro contato com um ambiente escolar pelo desenvolvimento dessa atividade e ficou encantada com a participação, interesse, curiosidade e envolvimento dos alunos com os temas levantados. Tendo uma oportunidade de promover para as crianças um momento de aprendizado de forma lúdica e prazerosa, um contato com o mundo literário, notando que a atividade foi enriquecedora para ambas as partes.

Eliana ficou feliz por perceber que seu objetivo ao escolher a história foi alcançado, pois ela não queria contar algo já conhecido, mas aproveitar o momento para resgatar valores que muitas vezes são esquecidos. Ressalta o quão importante e gratificante foi a realização da atividade ao perceber o quanto as crianças absorveram e trouxeram aplicações pessoais no decorrer da contação, afirma ainda ter sido uma das melhores e mais enriquecedoras experiências, não apenas a atividade em si, mas a base teórica que recebeu, alterando assim a prática que já era realizada por ela.

Fazendo a contação com meus sobrinhos, eu Tamy, pude perceber que há temas relevantes a todas as idades e que a teoria se aplica tanto quanto se adequa. Cada criança é despertada por algo que a interessa e impressiona, e o pedagogo deve utilizar dessa ferramenta para construção do conhecimento. Livros informativos nem sempre se mostram muito atrativos para crianças lerem sozinhas, mas destaco com isso a importância de um contador adequado, pois esse tipo de material é importante para despertar a curiosidade e gerar a necessidade de pesquisas e perguntas, trazendo mais riqueza para o diálogo.

Gabriela realizou a atividade com seu afilhado, o que foi algo inédito e surpreendente. O tema levantado a fez perceber o poder que há em um livro de ir além da imaginação, mas trazer discussões e gerar soluções para problemas

relacionados aos mais diversos temas, sendo assim vê que como pedagoga poderá tratar de coisas delicadas e importantes dessa mesma maneira.

Uma observação negativa da atividade é que vivenciamos poucas experiências como essa em sala sem ser do estágio, que de certa forma é um pouco mais engessado. Além disso, as escolas ainda se mostram resistentes quanto à abertura de oportunidades para que profissionais em formação, como nós, possamos realizar esse tipo de tarefa.

Daiane, apesar de não ter feito essa atividade em específico, realizou algumas contações de histórias em outras ocasiões. Mesmo que nesse momento se mostram diferenças como, por exemplo, na preparação e orientações dadas pela professora responsável, pôde perceber diversos pontos parecidos no momento da contação. O momento da leitura é um período de interação e maior intimidade entre alunos e professores, gerando confiança para troca de experiências, o elo construído em uma roda de leitura é algo precioso a esse relacionamento. O que mais chama a atenção do aluno diz muito sobre ele e o que tem vivido os livros desperta a imaginação e aprimora muito as brincadeiras. A aluna sente muito por não ter a vivência da atividade em si, mas ressalta ter aprendido tanto em outras realizações similares quanto com relatos das colegas.

2.3 Banner

No segundo semestre de 2019, orientadas por outra professora do curso, realizamos um relato de experiência que tinha por base Alfabetização e Letramento. Para essa atividade precisávamos estar em um ambiente escolar que estivesse trabalhando o tema, sendo que o objetivo foi somente a observação sem nenhuma intervenção. Ao final da observação produzimos um relato detalhado de toda a vivência, seguido da confecção de um banner e apresentação dele para uma banca simulada, na atividade de Metodologias Ativas, em um encontro presencial do Centro Universitário de Lavras.

O objetivo da atividade foi nos levar a um ambiente e nele percebermos a elaboração das teorias que estavam sendo estudadas. Foi enriquecedor ver a complexidade e beleza que é esse período para as crianças e o quanto demanda trabalho. Como estudamos, o ambiente deve ser alfabetizador, facilitando associações para os educandos, pudemos ver em todas as escolas visitadas o

cuidado para que um local assim fosse formado, que vai desde alfabetos diversificados, etiquetas em objetos, placas sinalizadoras adaptadas, cartazes, textos e jogos sobre alfabetização, painéis, estante de livros que podem ser acessadas de maneira livre, calendários, nomes nos objetos e cadeiras, varais com atividades confeccionadas pelos alunos, dentre outros.

Com base nos relatos de cada uma pudemos perceber diferenças entre a escola pública e particular. Um ponto dessas diferenças foi a ludicidade de cada professora, Márcia e eu realizamos a vivência em escolas particulares, onde havia diversas atividades e aparatos para ajudarem. Na escola onde eu, Tamy, realizei, a professora utilizava músicas coreografadas, transmitidas no *Datashow* para ensinar tanto conteúdos exclusivos de alfabetização quanto que por movimento, como se copia matéria do quadro, lateralidade, fonética, exercícios fonológicos.

Márcia ressalta que na sua escola também havia uma gama muito grande de materiais lúdicos como jogos, brincadeiras, atividades diversificadas e muitos recursos tecnológicos que facilitavam as aulas. Durante a observação a professora regente da classe em que Márcia realizou a atividade, estava desenvolvendo um projeto com a utilização de poema, partindo disso os educandos fizeram atividades diversificadas de acordo com cada poema e produziam materiais para uma amostra cultural. Foi notável a empolgação e o comprometimento dos alunos na confecção dos trabalhos do projeto desenvolvido, e para deixar as atividades mais atrativas a professora utilizava diversos elementos para que as crianças fizessem associações e se apropriassem com mais facilidade do conhecimento.

Na escola onde eu, Tamy, desenvolvi, pude observar um trabalho muito lúdico com os alunos, em que a professora utiliza músicas para a transmissão de diversos conceitos e técnicas. Rodas de rotina abriam espaço para um bingo de palavras e rimas que são trocadas periodicamente, além de apresentados diversificados gêneros textuais como reportagens, poemas, músicas. O ambiente alfabetizador se mostrou algo muito utilizado e eficaz e não apenas enfeites para formar uma sala colorida, pois a professora utiliza cada um desses elementos para enriquecer o aprendizado.

Daiane e Eliana realizaram em escolas públicas e perceberam que também há material lúdico e apropriado, ainda que ele seja confeccionado pelas professoras de forma artesanal. As alunas perceberam que as professoras em exercício têm um

trabalho árduo e mais exigente, por não terem todo material necessário em mãos, mas que isso não impede de se adaptar para alcançarem os objetivos.

Daiane observou que apesar de um ambiente alfabetizador e da ludicidade estar presente, ainda eram realizadas muitas atividades mecanizadas, repetitivas e engessadas. Os alunos faziam cópias e repetiam exercícios como forma de fixação e “decoreba”.

A pedagoga observada por Eliana fazia leitura de forma diversificada com a participação dos alunos. Lia de forma intercalada, permitia que os alunos apresentassem suas dúvidas de acordo suas necessidades. Além disso, a literatura mostrou-se uma ferramenta muito utilizada, pois a professora incentivava atividades como a leitura e ilustração de desenhos de “para casa” nos finais de semana e o reconto no retorno às aulas.

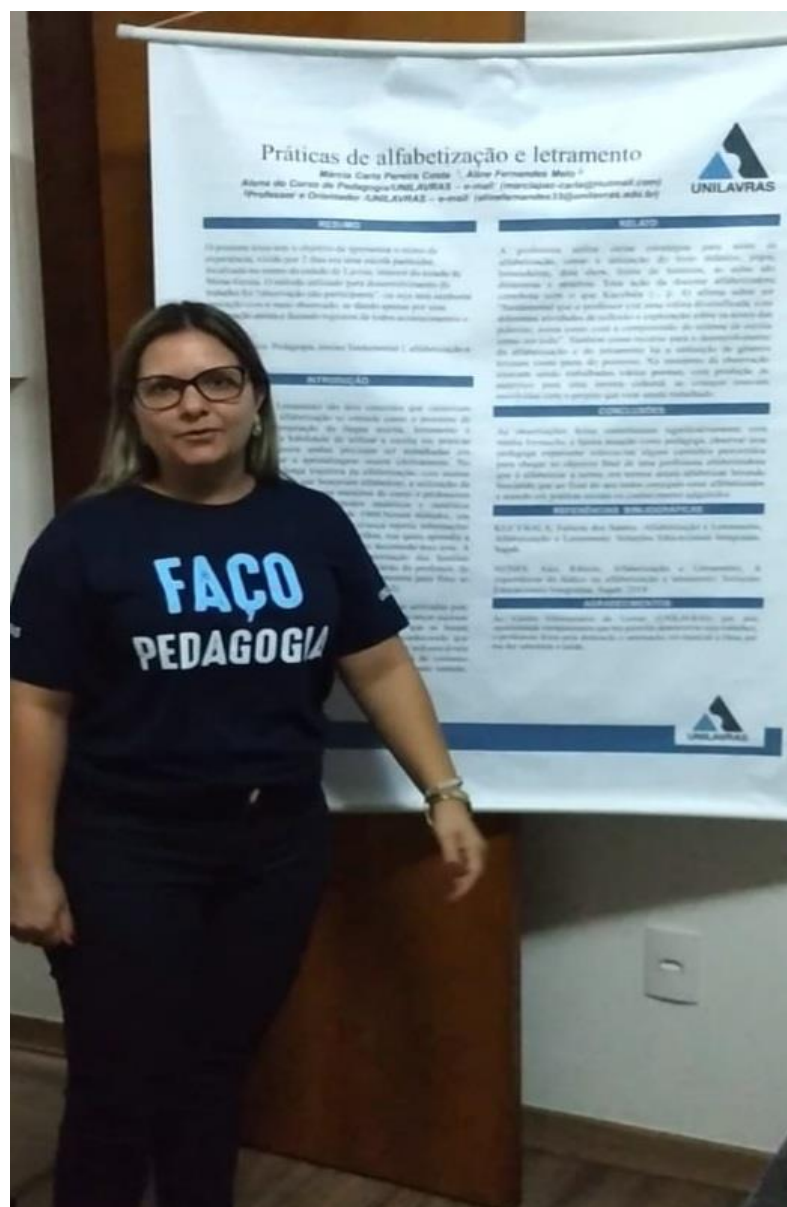
Gabriela não realizou a atividade de forma prática, mas apresentou uma pesquisa sobre o tema. Com isso percebeu a importância do professor alfabetizador no período da alfabetização e que ele deixa marcas que percorrem por toda vida. Além disso, ressalta que se encantou com essa área, pois necessita de se manter sempre estudando para melhorar a atuação, mas somado a isso é necessária muita simplicidade para a mediar o conhecimento, sem muitas complicações desnecessárias e uma sensibilidade para adequar o conteúdo a cada aluno. Um desafio foi encontrar uma fonte confiável para sua pesquisa, que exemplificasse bem o trabalho de um pedagogo, além disso, a novidade da forma de apresentação junto ao curto tempo para a construção do banner tornou-se uma dificuldade da atividade.

Foi um grande choque de realidade perceber o trabalho de professor alfabetizador, um sentimento de responsabilidade e desafio tomou conta de nós. Percebemos que apenas a base teórica já estudada na graduação não se faz suficiente para um trabalho tão complexo, gerando assim o sentimento da necessidade de buscar se aprofundar no tema. Percebemos também a diferença que há em níveis de aprendizado entre os educandos da mesma classe, que pode ser gerado tanto pela dedicação e interesse deles, quanto dos incentivos que receberam em ambientes não escolares.

A confecção de um relato e a produção do banner foram as partes mais difíceis da atividade. As normas para a escrita e o aporte teórico necessário nos textos formaram um desafio, porém resultaram em um desenvolvimento e aprimoramento de habilidades. Redigir um texto para o banner com base no relato

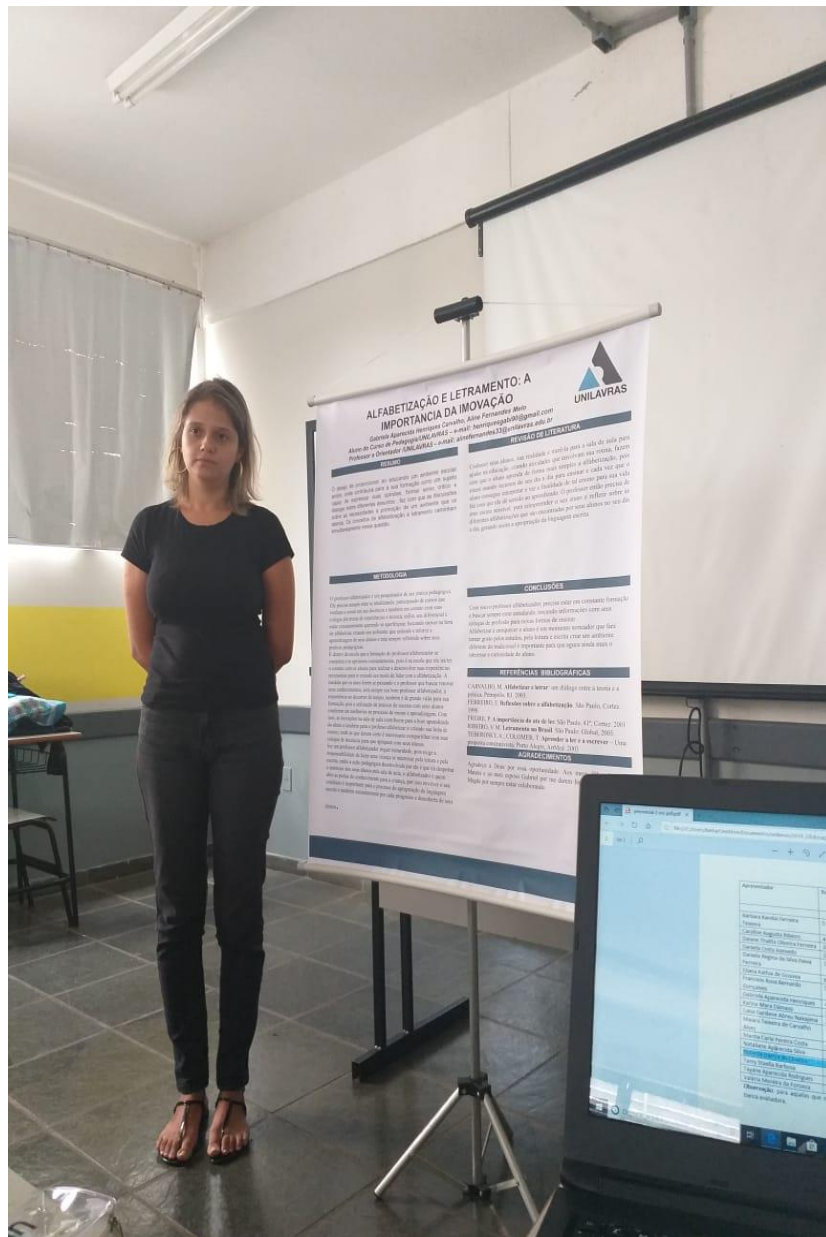
também foi desafiador, como não havíamos feito nada similar não havia muitas ideias de como se fazer. A apresentação foi um verdadeiro teste para momentos futuros, o nervosismo e a responsabilidade nos pressionaram a elevar a nossa qualidade como profissionais e a treinar mais para momentos assim.

Figura 5 - Márcia durante a atividade do Banner



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

Figura 6 - Gabriela durante a apresentação do Banner



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

2.4 Estágio Supervisionado III - Letramento Digital

O Estágio Supervisionado III: Gestão e Coordenação Pedagógica foi realizado no 7º período supervisionado por outra professora do curso. São 100h de atividades divididas em 60h de estágio, 30h de atividades online na plataforma e 10h na construção do Relatório de Observação.

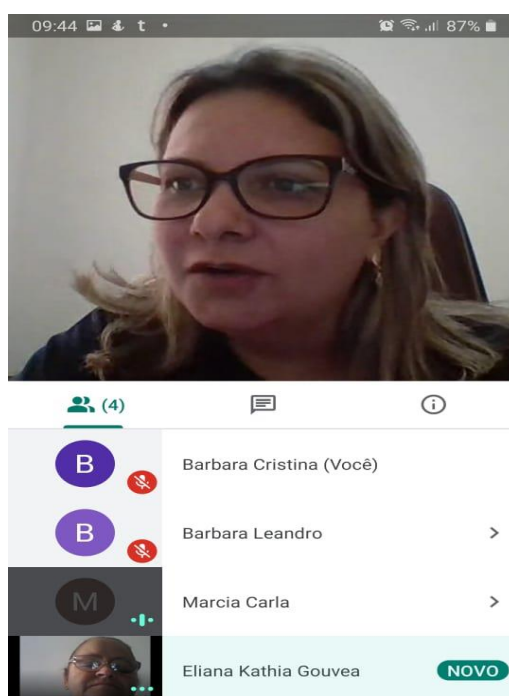
Devido à pandemia causada pela COVID - 19 o estágio foi realizado de maneira remota e com todas as alunas na mesma escola, exceto Gabriela, que não

estava matriculada na disciplina. Realizamos o estágio na Escola Municipal, realizando 6h de observação de segunda a sexta, via grupos de Whatsapp e um projeto de intervenção via Google meet e Youtube. Houve grandes desafios que serão mais detalhados posteriormente, mas pudemos alcançar bons aprendizados em diversos aspectos.

A primeira dificuldade foi realizar tudo de forma remota, pois desse modo não tivemos um contato mais próximo e uma troca de informações mais fácil. Encontrar uma escola que se dispusesse a aceitar estagiárias em um contexto tão novo foi complexo, pois alguns gestores se diziam atarefados demais para acompanhar e solucionar dúvidas de estágio. O curto espaço de tempo foi mais que desafiador, chegou a ser prejudicial de certa forma em vários aspectos, gerando obstáculos em diversas etapas do estágio. A documentação foi organizada de maneira online e por isso houve muitas dúvidas e novidades.

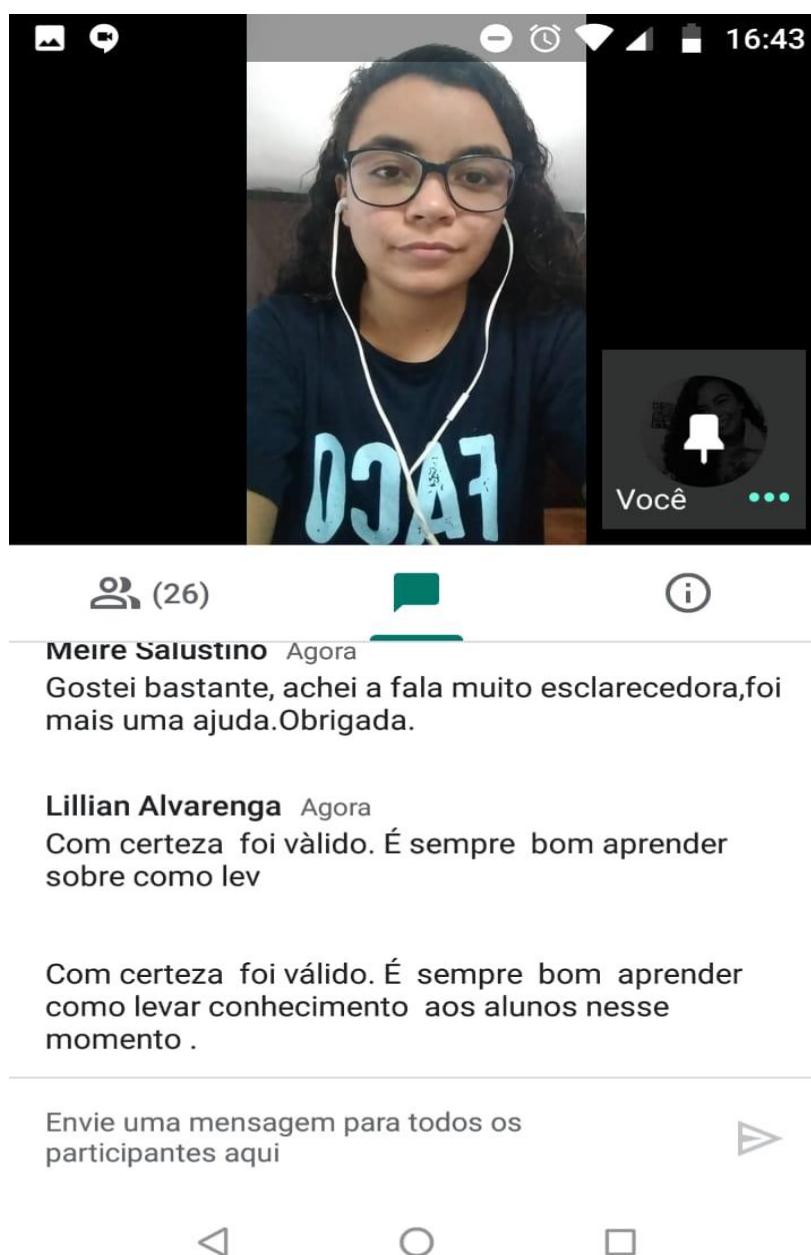
As imagens (7 e 8) abaixo ilustram momentos de capacitação dos professores.

Figura 7 - Eliana e Márcia durante a capacitação dos professores por vídeo chamada



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

Figura 8 - Tamy durante capacitação dos professores no Google meet



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

Daiane e eu, Tamy, participamos da confecção de uma videochamada para a Festa Julina da Escola e pudemos participar do grupo de professores e no dos pais. Márcia e Eliana também estavam no grupo das professoras. Todas as alunas foram bem recebidas por toda equipe, a supervisão pedagógica não só nos ajudou, como nos deu a chance de aprender métodos diversificados nesse contexto atípico. A dedicação e o desdobramento nos deram uma nova leitura sobre o importante papel da gestão e a necessidade de capacitação.

A figura abaixo ilustra o momento de gravação de um vídeo elaborado para a atividade do estágio.

Figura 9 - Vídeo gravado por Daiane para apresentação do PowerPoint



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2020)

Por meio do projeto de intervenção o trabalho nos inseriu em temas ainda não cogitados ou aprofundados, como o Multiletramento e Alfabetização Digital. Percebemos dificuldades nessa área, pois foram temas até então não levantados, por serem menos utilizados na prática. Os alunos não faziam atividades por meios não convencionais, como mídias sociais, mas apenas utilizando livros, revistas, filmes. Observado isso realizamos uma palestra via Google Meet e gravamos vídeos para a Equipe Pedagógica sobre temas inseridos nesse contexto como: O que são podcasts e como confeccioná-los, Gravação em PPT, Utilização do Google Meet, Como subir vídeos para o Youtube e a Produção de videoaulas.

Foram levantadas diversas questões que nos mostraram que até então não havia um preparo eficaz para a utilização dessas ferramentas no contexto escolar. Muito do que foi passado nas palestras foi com base nos conhecimentos e vivências adquiridos em Pedagogia que estávamos fazendo de modo predominantemente à distância e remoto. Com isso pudemos contribuir com alguns ensinamentos. Como as atividades e correções eram todas feitas via whatsapp, algumas situações foram difíceis como, por exemplo, a interação e troca de informações com as crianças. Além disso, os educandos não estavam tendo um contato com quase nada que remetesse a eles o contexto escolar. Com base nisso discutiremos sobre como se

grava uma videoaula atrativa, com diversos recursos para chamar a atenção e lembrar os alunos sobre a escola. Como a videoaula não sana a necessidade de interação, levantamos a hipótese da utilização do Google Meet como ferramenta de reunião. Outro tema levantado e importantíssimo foi à participação de pais e responsáveis e a importância de que eles não apenas se mostrem interessados e comprometidos, mas que saibam utilizar as ferramentas e auxiliar seus filhos.

Aprendemos com a equipe de professores da escola sobre temas que hoje estão mais que em alta, mas se mostram essenciais à educação. Nossa oratória e desenvoltura foram mais que testados nessas apresentações, habilidades que se desenvolveram e foram aprimoradas duramente.

Logo, o próprio contexto da pandemia trouxe temas já existentes para uma discussão central, pois até então entendia-se que o aluno deveria apenas ler livros e textos impressos para ser considerado letrado. A pandemia tem mostrado que se deve saber não apenas utilizar a linguagem, mas também compreender o conhecimento por meio de diversas formas, seja ele veiculado por suportes impressos ou suportes digitais. Assim, será possível construir caminhos coerentes com o mundo globalizado para o desenvolvimento do sujeito letrado.

Acreditamos que um planejamento com um tempo maior seria mais enriquecedor, pois iríamos nos preparar muito mais para as palestras, por exemplo, e produzir um relatório com mais detalhes e uma observação mais ampla. Sabemos que a maneira desenvolvida foi desafiadora e inédita para todas as partes, inclusive a supervisão, porém, acreditamos que o papel da professora poderia ter sido mais facilitador e compreensivo diante de todos os percalços dessa atividade.

Gabriela se diz mais tranquila por saber que estará em um contexto diferente na realização do seu estágio, onde haverá mais tempo e planejamento. Também se surpreendeu pelos temas da intervenção e sua importância no contexto atual. Mostrou por todo o percurso uma preocupação e empatia com todos os desafios enfrentados pelas colegas na atividade. Percebeu pelos relatos a importância de uma boa gestão e a necessidade de atualização constante dos profissionais de pedagogia.

3 APORTE TEÓRICO

Diante o pano de fundo que norteia o desenvolvimento deste portfólio e das atividades elencadas para compor este trabalho, se fez necessário resgatar e compreender mais detidamente alguns conceitos fundamentais trabalhados em disciplinas durante o curso. Sendo esses: alfabetização, letramentos; gêneros textuais e contação de histórias, e como eles se articulam em um trabalho de “desafios e possibilidades na formação do pedagogo”.

Sobre Alfabetização e Letramento é necessário fazer um estudo separando esses termos que agora vemos sempre juntos. De acordo com Soares (2000), quando abordamos o termo alfabetização estamos nos reportando à aquisição da leitura e da escrita, enquanto, ao tratarmos de letramento estamos nos referindo à condição de quem usa a escrita. Logo, por mais que sempre vemos essa soma muito pertinente precisamos avaliar e construir o conceito de cada um deles, vendo a sua importância e diferenças.

Segundo Soares (2005) há predominância de uma resposta quando perguntamos sobre o que é alfabetização. Para essa autora é “o processo de ensinar a ler e escrever”. Complementa que “em síntese, alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala”. Mas, somente essa decodificação não é eficaz no processo de compreensão plena. Como demonstrado por essa autora, o Letramento é

o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções (SOARES, 2004, não paginado)

O conhecimento traz a possibilidade de uma construção eficaz e desperta a utilização de todos os aparatos para que a aprendizagem seja plena. Compreender que alfabetizar não garante ao sujeito uma capacidade de entender e receber a mensagem de textos que estejam no ambiente escolar ou fora dele é entender que não é necessário apenas alfabetizar, mas formar pessoas letradas.

Compreendemos então que alfabetização e letramento são diferentes, mas se interagem. E entender isso gera a necessidade de exemplificações. Indo para uma

situação em um ambiente escolar, podemos citar o contato com diversas linguagens, por exemplo, com uma manifestação literária diferente da que o aluno está habituado: um cordel, um gênero literário feito em versos, com métrica e rima e caracterizado pela oralidade e por uma linguagem informal” muito utilizado no interior do Nordeste brasileiro. Se o educando for apenas alfabetizado ele poderá realizar a leitura do texto sem sua compreensão mais profunda, sem entender sobre o tema e sua importância para aquela região, logo o texto não tem pleno ou nenhum sentido. Ouve-se muito falar sobre os analfabetos funcionais e essas são justamente as pessoas que conseguem fazer a decodificação das palavras, mas que não alcançam a compreensão do todo.

Sobre alfabetizar e letrar Soares (2020, p. 27) ainda salienta que

alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isso é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita.

Observamos que a relação entre eles é existente, mas ao contrário do que alguns pressupõem, o letramento é que precede a alfabetização. Acredita-se em muitos casos que são necessários decodificar para depois compreender, mas vemos que há compreensão por outros atributos do texto como, por exemplo, imagens.

Além disso, precisamos partir para compreensões mais amplas e abrangentes. Na atualidade estamos expostos a textos que não se formam apenas da maneira padrão ensinados na escola, mas que mesclam em sons, imagens, tecnologia e outros aparatos. Logo precisamos pensar além dos padrões e levar em conta a diversidade de modalidades que não só incrementam como se mostram o texto, pois muitas vezes no ensino escolar isso não é explorado.

Percebe-se assim a importância da compreensão que vá além de letras, mas de tudo que é inserido no texto e como tudo isso formula um resultado condizente, fazendo necessário o Multiletramento. É necessária a interpretação e compreensão dos textos e suas multiformas. Rojo (1996) faz referência ao termo multiliteracies,

publicado pelo New London Group em 1996. Os multiletramentos funcionam, segundo ela, pautando-se em algumas características importantes:

a) são interativos (colaborativos); b) fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas; e c) são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 1996, p. 23).

Assim o letramento ganha várias ramificações, dentre elas destacamos o digital, acadêmico e o escolar.

Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras (COSCARRELLI; RIBEIRO, 2005).

Compreender a diversidade de textos que nos rodeia nos meios tecnológicos e digitais vai além de entender como se utiliza determinadas tecnologias, mas atinge até mesmo a melhor compreensão de uma conversa informal em um aplicativo de mensagens no celular. Imagine estar em uma conversa no whatsapp e receber uma “figurinha” que é a utilização de uma imagem para representar algo, mas não compreender o que a pessoa desejou expressar, pois não há um conhecimento prévio para isso. Parte-se então da necessidade de ser letrado nessa área, saber utilizar dessa ferramenta social para atingir seu objetivo: uma comunicação plena.

Letramento acadêmico, de acordo com Lillis e Scott (2007, p. 28), é um campo de estudo que busca contribuições de diversas áreas e subáreas disciplinares como a linguística aplicada, a sociolinguística, a antropologia, a teoria sociocultural da aprendizagem e os estudos dos discursos para as práticas de escrita no contexto universitário. Os primeiros estudos para a formação desse campo são dos pesquisadores Lea e Street (1998, p. 29), que caracterizam esse gênero como àquele com os usos e as práticas sociais de linguagem que se produzem por meio da escrita, porém para fins específicos e no contexto universitário. Trata-se de habilidades que muitas vezes são exigidas de um público específico, por exemplo, uma pedagoga pode facilmente compreender um artigo sobre ludicidade e psicomotricidade, mas ter dificuldades em algo sobre ciências forenses. E isso não quer dizer que ela não seja letrada academicamente falando, mas que há especificidades naquele texto. No entanto, se uma pessoa não

consegue compreender mesmo que em sua área textos acadêmicos conclui-se que nesse caso não há um letramento acadêmico.

O ambiente escolar utiliza da língua amplamente e de forma proposital. Como afirmado por Castanheira (2020),

Letramento escolar refere-se aos usos, às práticas e aos significados da língua escrita no contexto escolar. (...) Ler e escrever na escola são processos que se diferenciam de ler e escrever fora da escola, pois o quê, como, quando, para que se lê ou se escreve na escola são aspectos definidos a partir das especificidades dessa instituição, que visa, em última instância, ao ensino e à aprendizagem. A expressão letramento escolar, portanto, aponta para diferenças entre práticas de leitura e escrita desenvolvidas dentro e fora da escola.

Dentro desse ambiente somado a esse Letramento escolar, observamos a funcionalidade e as bases da contação de história. O ato de contar uma história traz inúmeros benefícios e pode introduzir diversos temas, de fato ela é uma ferramenta importantíssima e indispensável seja na alfabetização ou no letramento.

De acordo com os pensamentos de Bettelheim (2002, p. 2),

para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, surgir soluções para os problemas que a perturbam.

Ou seja, a contação caminha com o desenvolvimento infantil e competências que devem ser alcançadas. Intelecto, emoções, soluções de problemas, imaginação tudo isso é tocado por essa ferramenta. Mas, para isso, não basta apenas fazer uma leitura, nem tão pouco escolher qualquer história,

ao escolher a leitura é preciso pensar na forma de contá-la [...]. Mesmo que a história seja contada pela milésima vez. Além de usar o livro, mostrando ou não as imagens, de contar a história decorada, de usar fantoches, de usar o avental e de apresentar as histórias, é possível recorrer a outras formas interessantes e atrativas. Isso inclui a preparação da história e do ambiente (COSTA; VALDEZ, 2007, p. 174).

As histórias são uma ferramenta na alfabetização, porém elas são fundamentais para o desenvolvimento de aptidões que caracterizam um cidadão ativo como o senso crítico, a avaliação da situação, busca por soluções para

problemas e assim por diante. Logo, o ato de contar histórias está tanto ligado ao desenvolvimento cognitivo quanto às aptidões para conhecimento de mundo.

Junto à contação destacamos a necessidade do conhecimento sobre gêneros textuais, os quais permitem, para além do desenvolvimento da habilidade de comunicação em diferentes situações do cotidiano, a compreensão sobre diferentes contextos culturais. E, embora não seja o foco deste trabalho relatar e/ou discutir sobre cultura, consideramos que o foco em culturas estrangeiras e o aprendizado de outras línguas não pode se dar em detrimento do ensino da própria cultura.

É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens de diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (BRASIL, 2002, p. 41).

É incontestável o papel da escola na formação do sujeito e atrelado a essa formação a valorização não apenas ao conhecimento de forma geral, mas também a sua cultura, com base nesses gêneros destacamos um em especial o Cordel que consistiu na criação de um texto literário popular escrito em versos rimados e impresso em folhetos que são pendurados em um barbante simulando um varal. O gênero é rico e tem ganhado destaque, trabalha diversas áreas e permite a construção de conceitos como didática, ludicidade e variedade cultural:

A literatura de cordel é tudo isso e muitos mais. É acontecimento da cultura brasileira que vem sendo questionada em universidades do País e no exterior – em simpósios, seminários, conferências em nossos centros culturais. Há vivo interesse pelo cordel na própria chamada opinião pública, que acompanha, paralelamente, o que ocorre no País e no mundo através dos folhetos ou na apresentação dos contadores pela televisão, no noticiário do dia a dia (MELO, 1982, p. 9).

Apresentados esses conceitos, qual a relação do professor do ensino fundamental I com todos eles? A articulação, implementação e transmissão deve ser feita pelo pedagogo com algumas ressalvas, pois “o professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado.

Para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que “não é nada fácil” (FERREIRO, 2000, p. 61). Logo, a educação está não apenas no ponto de vista do educador, já alfabetizado, mas exige que esse obtenha a ótica do educando.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 23).

O trecho revela a multifuncionalidade do professor na educação, desde a observação de qual aluno apresenta cada característica até a adequação do conteúdo para esses educandos. O professor deve ter domínio sobre os temas que serão mediados por ele, mas saber que ele não é alguém que deve retê-lo, pelo contrário, por meios didáticos e apropriados ser um construtor desse conhecimento. Assim como elucida Mello (2000, p. 104),

a insistência com a relação teoria e prática decorre do conceito de competência: competência se constrói em situação; não é "conhecimento de", muito menos "conhecimento sobre", mas é conhecimento que pode ser mobilizado para agir e tomar decisões em situações concretas. Situações da vida real envolvem sempre um componente imponderável e imprevisível. No ensino, isso é mais do que verdadeiro.

Assim, entendemos que a Pedagogia não está aqui para transmitir apenas um conhecimento, mas desenvolver competências. Aplica-se também o conceito de alfabetizar e letrar, pois não basta transmitir o conhecimento da decodificação, mas a compreensão através do letramento. Apresenta-se o conhecimento e se desenvolve a competência em compreender e utilizar aquele conhecimento adquirido no cotidiano.

A eficácia do aprendizado é um desafio para o pedagogo. É necessário utilizar de métodos que o levem a esse resultado. Sobre o ato de ensinar Mello (2000, p. 104) destaca que:

ensinar é também uma atividade altamente indeterminada ou altamente determinada por fatores que escapam ao controle de quem ensina. O projeto educativo é a ação cotidiana, a intenção e o resultado na sala de aula, na escola, no sistema e na política educacional sempre guardarão alguma distância, maior ou menor. Ensinar, portanto, exige aprender a inquietar-se e a indignar-se com o fracasso sem deixar destruir-se por ele.

Logo, mesmo que da parte do professor haja desdobramentos que possibilitem uma educação de qualidade sabe-se que há fatores que não estão

sobre o seu controle. Isso não impede que o profissional faça um trabalho que permita que ele vença desafios. Surge então a necessidade do senso de responsabilidade de fazer a sua parte e em despertar nos outros o interesse de fazer a deles, sejam os outros, alunos, pais, demais professores, gestão etc.

Além disso, como observamos alguns conceitos são termos recentes e por isso o professor que não está a par acaba limitando a possibilidade de seus alunos adquirirem mais conhecimentos. Assim, é imprescindível que o pedagogo mantenha uma formação continuada. Como elucida Imbernón (2010, p. 115) a “formação continuada de professores” como “toda intervenção provoca mudanças no comportamento, na informação, nos conhecimentos, na compreensão e nas atitudes dos professores em exercício”.

Exemplificando o próprio conceito de letramento, por estar ligado à sociedade pode-se dizer que está em constante transformação assim como a sociedade. Um profissional que não se mantém informado, até mesmo no âmbito de conhecimentos gerais não estará apto a compreender, não apenas conceitos, mas textos expostos na sociedade por diversos meios e assim podendo transmitir um conhecimento errado ou incompleto. Quanto a isso Nóvoa (2001, p. 1) compartilha do seguinte pensamento:

[...] é difícil dizer se ser professor, na atualidade, é mais complexo do que foi no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas com também com a tecnologia e a complexidade social, o que não existia no passado. Isto é, quando todos os estudantes vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias, quando toda essa gente está dentro da escola e quando se consegue cumprir, de algum modo, esse desígnio histórico da escola para todos, ao mesmo tempo, também, a escola atinge uma enorme complexidade que não existia no passado.

Na citação acima o autor não destaca apenas a formação, mas a atualização ao mundo em que estamos inseridos, pois esse tem total influência sobre o aprendizado. O educando deve sair da escola como um cidadão e não um robô. Com pensamento crítico e ativo diante a tantas questões que o cercam, com a capacidade de desenvolver argumentos claros e lógicos, mas isso tudo só é possível se ele tiver desenvolvido aptidões com plenitude no período escolar, destacando a alfabetização e o letramento.

A escola deve estimular as crianças a aprenderem a estudar e a pensar e, também a aprenderem a se comunicar e a viver em conjunto. Aprender a estudar e a pensar é essencial no mundo marcado pelo excesso de informações e conhecimentos que envelhecem muito rapidamente, mas não é menos importante aprender a se comunicar e viver em conjunto, estimulando a criança a falar, ouvir, construir em conjunto (NÓVOA, 1999).

Percebe-se que o autor já destaca no início de sua fala a principal motivadora para que—essa formação aconteça: a escola. E quando pensamos em escola pensamos em todos os envolvidos no processo, principalmente o professor. O professor é o fomentador desse senso crítico e, também, dessa aprendizagem. Uma pessoa sem uma base estudantil eficaz é um cidadão sem muita habilidade social, seja em desenvolvimento de argumentos, pensamento crítico, avaliação de dados e assim por diante, criando o que muitos apelidaram de “boiada” ou “massa de manobra” que vem a ser pessoas que são facilmente levadas por qualquer dado ou argumento apresentado.

A forma que uma sociedade se encontra está diretamente relacionada à qualidade da educação que ela apresenta. Assim pode-se dizer que o papel do professor é fundamental em uma sociedade, que alfabetizar e letrar vão muito além da capacidade de escrever, ler e compreender, eles estão no processo de formação de uma sociedade melhor.

4 CORRELAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico destacamos trechos das vivências, os quais estabelecemos relações diretas com o que foi estudado na teoria e apresentado no aporte teórico, durante o curso e o desenvolvimento deste trabalho. Para isso retomamos os títulos das vivências, como estratégia de organização textual.

➤ **Cordel**

Pela confecção do Cordel percebemos a importância de se estudar os gêneros textuais na educação, uma vez que por meio deles efetuamos a comunicação. Compreendemos que ao conhecer variados gêneros textuais, o professor aumenta as possibilidades de atividades em sala de aula, pois ao escolher o tema, o qual englobará a forma composicional e o estilo, o docente além de trabalhar a preparação, produção e comunicação textuais, também poderá problematizar questões que envolvem a temática escolhida, como exemplo a cultura brasileira, a relevância e o que é o leque de opções que é aberto trabalhando um estilo tão rico em didática e ludicidade, como o cordel. Dessa forma, atendendo também ao exposto em documentos oficiais que valorizam a pluralidade cultural brasileira.

Os professores assumiram como um dever nos apresentar com todo cuidado a importância de conhecer e valorizar a nossa cultura e a partir de agora é nossa responsabilidade não apenas ensinar o Cordel, mas o que tem relevância e correlação com os estudos e a vida.

Utilizar o conhecimento prévio dos alunos é uma estratégia que deve ser utilizada em todas as disciplinas e em uma aula sobre gêneros textuais isso não deve ser diferente.

Melo (1982, p. 9) elucida sobre esse gênero relatado na vivência que,

a literatura de cordel é [...] acontecimento da cultura brasileira que vem sendo questionada em universidades do País e no exterior – em simpósios, seminários, conferências em nossos centros culturais. Há vivo interesse pelo cordel na própria chamada opinião pública, que acompanha, paralelamente, o que ocorre no País e no mundo através dos folhetos ou na apresentação dos contadores pela televisão, no noticiário do dia a dia.

Há então um interesse nesse gênero em específico que foi destacado na atividade.

Além disso, ao aprender sobre o Cordel, também fizemos associação sobre como se conta uma história. Para Costa e Valdez (2007, p. 174)

ao escolher a leitura é preciso pensar na forma de contá-la [...]. Mesmo que a história seja contada pela milésima vez. Além de usar o livro, mostrando ou não as imagens, de contar a história decorada, de usar fantoches, de usar o avental e de apresentar as histórias, é possível recorrer a outras formas interessantes e atrativas. Isso inclui a preparação da história e do ambiente.

O Cordel permite ao educador contar a história de maneira lúdica e atrativa, além de permitir que o aluno participe ativamente do processo de contação e desdobrando posteriormente em atividades como reconto e ilustrações. Introduzir um assunto tão delicado como a educação especial e gerar reflexões através desse gênero foi de grande valia para nós.

➤ **Contação**

Contar uma história vai muito além de simplesmente abrir um livro e soltar palavras, essa ação está ligada à alfabetização, grandemente ao letramento e à formação do cidadão ativo e crítico. Por isso, deve haver uma adequação desde o tema até a forma de ser apresentada. Para Bettelheim (2002, p. 174),

para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, surgir soluções para os problemas que a perturbam.

Percebemos a importância do ajuste a cada idade e cada criança que realizamos a contação. O interesse de cada um é variado assim como o que se absorve e o que desperta mais engajamento.

As histórias podem conter ensinamentos que serão abordados de maneira leve e lúdica, por isso essa ferramenta é tão fundamental na educação e na

formação do educando desenvolvendo competências fundamentais. Assim como salienta Melo (2000, p. 104):

a insistência com a relação teoria e prática decorre do conceito de competência: competência se constrói em situação; não é "conhecimento de", muito menos "conhecimento sobre", mas é conhecimento que pode ser mobilizado para agir e tomar decisões em situações concretas. Situações da vida real envolvem sempre um componente imponderável e imprevisível. No ensino, isso é mais do que verdadeiro.

Observamos o estímulo ao desenvolvimento da leitura e ao hábito que poderá ser formado por momentos assim, percebemos que cada criança destaca pontos em cada história que muitas vezes se diferem umas das outras nos mostrando o que é mais relevante para elas. Com base nesses recortes apresentados vemos como as crianças avaliam situações da vida e como solucionam esses problemas. Como poderão ser apresentados temas diversos pelas histórias, elas formam pensamentos e fomentam discussões expondo opiniões e sentimentos das crianças desenvolvendo a comunicação e a oralidade como exposto por Nóvoa (1999),

a escola deve estimular as crianças a aprenderem a estudar e a pensar e, também a aprenderem a se comunicar e a viver em conjunto. Aprender a estudar e a pensar é essencial no mundo marcado pelo excesso de informações e conhecimentos que envelhecem muito rapidamente, mas não é menos importante aprender a se comunicar e viver em conjunto, estimulando a criança a falar, ouvir, construir em conjunto.

Formar cidadãos que pensem por si próprios é uma responsabilidade da escola e nesse ato há uma parte em que o ato de contar e como se conta as histórias se mostra fundamental. Despertar nas crianças uma visão de como o lobo mau agiu e como aquela situação poderia ter um decorrer e desfecho diferente será aplicado futuramente e adaptado em diversas situações e esses conhecimentos serão construídos a partir do desenvolvimento pelo hábito e prazer na leitura.

➤ **Banner**

O banner, como exposto no relato da vivência, foi o resultado de uma atividade desenvolvida dentro da escola.

Nessa vivência realizada, para além de desenvolver a habilidade de produção de um gênero textual acadêmico, percebemos o elo entre alfabetização e letramento.

Observamos que os educandos estão imersos em um ambiente alfabetizador e que por consequência se mostra como incentivador no processo de alfabetizar. Logo podemos ver a simultaneidade e interdependência deles, a criança não aprende a decodificar toda uma palavra de uma vez só, mas por um processo. Em sala de aula vemos etiquetas em diversos objetos o que faz parte de um ambiente letrado, mas, não é apenas isso que ocorre. Ao ver como se escreve a palavra a criança já passa a fazer ou é impulsionada e estimulada a “linkar” sons, letras iniciais e assim por diante dando suporte ao processo de alfabetização. Essa compreensão que tivemos ao vivenciar a experiência de observação para criação do banner nos permitiu refletir sobre o que Soares (2020, p. 27) afirma quanto à

alfabetização e letramento serem processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isso é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita.

Ter contato com o ambiente alfabetizador também nos permitiu correlacionar conceito de letramento, exposto por Soares (2004)

O letramento: o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções.

Então compreendemos que o letramento é estimulado a todo tempo nas ruas, em casa, na internet e não pode ser diferente na escola. As salas de aula não possuem placas, etiquetas, cartazes e tantas outras coisas sem propósito. Vimos na observação que os professores buscam propor atividades que estejam relacionadas com o cotidiano das crianças, buscando diversos textos que vão estimular e

despertar neles interesse. Os cartazes afixados com poemas e trava línguas, as músicas e brincadeiras, os textos de gibis, alfabetos ilustrativos, tudo vem com intuito de letrar e alfabetizar. Nesse contexto, observando a prática de um outro letramento refletimos sobre o que Castanheira (2020) define sobre letramento escolar:

Letramento escolar refere-se aos usos, às práticas e aos significados da língua escrita no contexto escolar. (...) Ler e escrever na escola são processos que se diferenciam de ler e escrever fora da escola, pois o quê, como, quando, para que se lê ou se escreve na escola são aspectos definidos a partir das especificidades dessa instituição, que visa, em última instância, ao ensino e à aprendizagem. A expressão letramento escolar, portanto, aponta para diferenças entre práticas de leitura e escrita desenvolvidas dentro e fora da escola.

Pudemos perceber como é necessária uma atualização, que também chamamos de formação continuada, constante dos professores para que haja uma adequação do conteúdo necessário. Se o professor não consegue trazer uma leitura do ambiente que o aluno está inserido, ele não irá conseguir despertar muito interesse, pois o conhecimento prévio de mundo que o educando traz é de muito proveito para que o educador se norteie a estratégias eficazes para deixar a aula mais atrativa.

Assim, refletimos também sobre a definição que Imbernón (2010, p. 115) traz sobre a formação continuada de professores, sendo que “toda intervenção que provoca mudanças no comportamento, na informação, nos conhecimentos, na compreensão e nas atitudes dos professores em exercício”.

Visto que a continuidade vai além de um novo diploma podemos ressaltar que ela vai da capacidade de utilizar o interesse dos alunos em prol do processo de alfabetização e letramento, o que foi notado de forma clara nos educadores observados e se evidenciou nas atividades propostas por eles no período de observação.

Como graduandas, foi um dos primeiros contatos com o Letramento acadêmico, que se caracteriza pelos usos e as práticas sociais de linguagem que se produzem por meio da escrita, porém para fins específicos e no contexto universitário. O que foi desafiador, porém muito gratificante. Produzir um relato, observar nosso amadurecimento, melhora gramatical comparado a outros trabalhos, bem no início do curso, foi de muita valia. O banner e a apresentação para a banca

simulada foram um grande teste de criatividade e evolução. A professora idealizadora do processo acrescentou muito conhecimento não só pela proposta, mas em todo o desenvolvimento e ajuda.

➤ **Estágio**

A atividade de estágio se tornou um desafio, pois em um contexto de Pandemia, causada pela COVID 19, nos deparamos com um estágio a ser realizado de forma remota. Recheado de desafios, a atividade foi inovadora. A junção da educação e todo ambiente e atividades educativas e alfabetizadoras deram palco ao multiletramento. Unir a linguagem, a imagem, o som, visando à compreensão e aquisição do conhecimento foi fundamental nesse contexto escolar remoto, o que nos permitiu correlacionar o que Rojo (1996, p. 23) expõe como multiletramentos, que funcionam, segundo essa autora pautando-se em algumas características importantes, a saber:

a) são interativos (colaborativos);

Nesse estágio tudo foi feito por meio das telas não apenas para nós como para os alunos. Para isso foi necessário saber compreender os textos por meios digitais. Desde como os gestores trabalhavam em grupos de aplicativos de mensagem a como tudo isso era utilizado e replicado pelas professoras nos grupos com alunos. Deu-se dessa forma uma importância ao que antes não tinha protagonismo nas escolas, buscar uma segurança em aplicativos saber como funciona esse ambiente digital e como se pode aproveitá-lo ao máximo.

b) fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas; e

c) são híbridos, fronteirços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 1996, p. 23).

Percebemos que até mesmo as professoras que antes se mostravam resistentes à tecnologia, tiveram que se atualizar e adequar e que isso trará consequências para a Pedagogia. Atrair os alunos dessa forma se mostrou um

desafio, compreender qual seria a melhor forma de trazer o conteúdo sem que houvesse uma exclusão das demais formas foi necessário.

Ressaltamos que embora houvesse um grande enfoque nas questões digitais, a escola envolveu os alunos que não têm acesso a essas tecnologias de maneira adequada e assertiva. O que nos trouxe a reflexão quanto ao exposto por Nóvoa (2001, p. 1),

[...] é difícil dizer se ser professor, na atualidade, é mais complexo do que foi no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas com também com a tecnologia e a complexidade social, o que não existia no passado. Isto é, quando todos os estudantes vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias, quando toda essa gente está dentro da escola e quando se consegue cumprir, de algum modo, esse desígnio histórico da escola para todos, ao mesmo tempo, também, a escola atinge uma enorme complexidade que não existia no passado.

E por base nessa nova forma fomos inseridos a novas práticas que exigem de ambos os lados (alunos e escola) uma nova capacidade de compreender o letramento digital, levando-nos assim a perceber, assim como afirma Coscarelli e Ribeiro (2005), que as “práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras”, são elementos presentes no atual contexto educacional.

5 AUTOAVALIAÇÃO

Durante o processo da realização das atividades recebemos uma grande quantidade de conhecimento e prática. Perceber e vivenciar a teoria estudada na prática foi uma correlação prazerosa e eficaz. Muito se diz sobre a diferença desses dois termos - teoria e prática- mas o que mais percebemos foi a ligação entre eles e como a teoria deve se mostrar adaptável e não rígida ou engessada. Na educação tudo deve ser aproveitado e adaptado, nota-se que até o ambiente é bem aproveitado para a alfabetização e o letramento, como um gênero textual enriquece em diversas formas nosso conhecimento e percepção. Fazer uma autoavaliação de evolução de uma atividade a outra em diversos períodos foi surpreendente.

O cordel foi um contato íntimo como exemplificação do desenvolvimento de um projeto em sala de aula, é uma atividade que nos despertou e atentou para a necessidade de aprimorarmos e nos atentarmos no conhecimento da diversidade de gêneros textuais e apesar de sabermos que dificilmente passaremos todos os exemplos aos nossos educandos e até a nós mesmas ao notarmos a sua importância e benefícios nos atentamos a responsabilidade da construção desse tipo de conhecimento. Além do mais, percebemos como é bom estarmos prontas para realizar trabalhos manuais e artesanais e porque isso está tão ligado à Pedagogia. Gabriela destaca o quão gratificante e inovador foi essa atividade que a marcou positivamente e despertou sua criatividade.

Na contação de história vimos a importância da literatura infantil e de como há um desdobramento gigantesco para sua utilização e aprimoramento. Acreditamos que dificilmente haverá um tema que não poderá ser abordado por uma boa história. Perceber como a forma de contar interfere na compreensão dos educandos e como isso tudo pode influenciar na sua formação despertou uma necessidade e responsabilidade de sermos cada vez mais criativas e criteriosas quanto aos livros apresentados, além da adequação e exploração de tudo que puder agregar nesse momento. Eu, Tamy destaco como foi importante e um divisor de água essa atividade e até a disciplina que idealizou a atividade, gosto de me expressar e isso é fundamental na contação, saber como despertar na criança o interesse pela leitura é um marco muito grande. Eliana destaca que foi uma grande oportunidade trazer valores não tão discutidos em sala de aula por meio dessa atividade e se diz surpresa com a desenvoltura e proatividade dos alunos durante a contação.

A experiência do estágio foi a mais conturbada por conta do momento em que foi realizada, porém, isso não impediu que houvesse conhecimento e enriquecimento profissional. Além de perceber como nossa profissão é desafiadora e se mostra exigente quanto a atualizações vimos o quanto é importante e não pode parar nem mesmo em um momento tão delicado. Foi um novo contato e nova ótica perceber os multiletramentos e como há toda uma cartela de tipos de letramento.

A discussão da educação a distância ganhou novos argumentos e muitos “poréns” nesse período para nós. O tempo se mostrou um inimigo impetuoso nessa atividade, mas com muito esforço e um pensamento em conjunto conseguimos vencer. O desafio foi produtivo para todas, vencemos o medo de falar para um público tão seletivo com profissionais que têm anos de vivência, mas que permitiram adquirir o conhecimento que temos com base no que vemos na EAD. Márcia destaca que se houvesse um prazo maior poderíamos ter elaborado e discutido temas aqui de forma mais profunda, mas destacamos que essa atividade nos norteou a temas relevantes até mesmo para elaboração deste trabalho.

A atividade do banner pode ser dividida em três partes principais: estar em contato com ambiente alfabetizador e sala de aula, a produção de um relato de experiência e banner e a apresentação para uma banca simulada. Uma atividade amplamente rica e que desperta a importância de uma professora que seja especializada em alfabetização. Partiu dessa experiência o tema que norteia esse portfólio e de como fomos tocadas por todo o processo. Tocadas pelos relatos das educadoras em como é gratificante participar de um momento tão importante que é ver pessoas aprendendo a ler e escrever.

Eliana e Gabriela destacam que essa poderá ser uma segunda área para se especializarem, pois é um tema muito atrativo e que a leva a crer que fará uma grande diferença na sociedade por formar alunos com uma alfabetização eficaz e letrados. Márcia se diz encantada pelo tema, mas, ressalta a responsabilidade de ser alguém que alfabetiza. A produção do relato e do banner foram etapas desafiadoras, prazerosas que enriqueceram e nos atentaram para o letramento acadêmico. Apresentar para uma banca simulada foi um treinamento para a apresentação do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, ter um nervosismo a flor da pele e receber um feedback nos aprimorou e apontou um norte para melhorias.

A realização do TCC foi enriquecedora para todas nós. Contar com o apoio da orientadora foi algo que trouxe leveza e prazer em todas as etapas. Não

descartamos que se houvesse uma preparação com mais antecedência poderia ter mais riquezas nos relatos além de escolhermos atividades já embasadas em um tema central.

Eu, Tamy destaco um grande desafio a construção de um trabalho com relatos de cinco pessoas com experiências parecidas, mas óticas diferentes, articular de forma adequada opiniões e relatos não foram fáceis, redigir uma visão que pode ser diferente da sua sem anular e ser contraditório é uma verdadeira prova. Fazer um aporte teórico também foi desafiador, mas como já foi citado acima, a atividade da construção do relato de experiência e construção do banner para apresentação nos deu uma base para que isso fosse realizado da melhor forma possível.

De forma geral, destacamos que diante todas as atividades e disciplinas que levaram a nos desenvolver pudemos observar um ponto em comum: o papel e influência do professor em todo e qualquer processo educacional. Não só os professores que nos receberam, mas os que lecionaram as disciplinas no curso de Pedagogia. Vimos a leveza e o prazer desde realizar um relatório até de participar da vivência, não que isso não seja de certa forma nossa obrigação como educandas até então, mas há um destaque em quando o professor desperta essa visão e esse prazer que por diversas vezes é citado na teoria, isso é o que vamos levar para nossa prática como professoras.

6 CONSIDERAÇÕES

Todo trabalho é válido e expande nosso conhecimento. Construir um TCC é desafiador e ao mesmo tempo enriquecedor. A escrita conjunta, embora se mostre como um desafio, nos permitiu o aprimoramento do trabalho em equipe, e a possibilidade de perceber uma mesma realidade sob diferentes óticas. O que acreditamos que possa auxiliar-nos em ações como resolução de problemas e tomadas de decisão em conjunto, em nossos locais de atuação.

No início do curso cada uma pensava em como seria o percurso até esse momento, mas muito do que foi esperado se mostrou diferente. A perspectiva de uma pós-graduação de algumas mudou ou foi acrescentada, Daiane desde o início desejava trabalhar com educação infantil e isso permanece até hoje, Márcia, no início queria se especializar em Pedagogia empresarial e eu, Tamy também, porém com tantos trabalhos voltados a alfabetização o foco de Márcia se tornou esse, já o meu se tornou a Educação Especial, como o de Gabriela. Eliana, no início, não sabia em qual área gostaria de especializar, mas no decorrer do curso ela se diz empolgada para ser uma psicopedagoga.

Ao alcançarmos os nossos objetivos de descrever as atividades vivenciadas durante o curso, demonstrar como essas atividades foram construídas, interpretar e correlacionar como os conceitos se relacionam com as atividades, e refletir para realização das práticas, avançamos na nossa transformação como pessoas e percebemos o papel e a responsabilidade da Pedagogia na sociedade.

No nosso percurso na graduação aprimoramos nosso olhar e percebemos situações diversas com mais criticidade, de uma maneira mais fácil e problematizadora. Fomos puxadas a uma responsabilidade de não sermos apenas um profissional qualquer, mas alguém que constrói os conhecimentos adquiridos nesses anos e se abastece de muitos outros para dar continuidade ao desempenho da função com excelência.

As atividades desenvolvidas no curso nos possibilitaram ter vivências que nos nortearam, tanto nas escolhas de especializações quanto a ter a certeza de que estamos na profissão certa. Inicialmente, tínhamos uma ideia engessada da Pedagogia, mas depois desses quase 4 anos sabemos que é uma área abrangente e que tem cada vez mais ganhado mercado. Ver que ela não está apenas em estar em sala de aula, mas compreender em como e o motivo de cada coisa ser como é

nas escolas, em como é realizado um plano de aula, em quantas coisas diversificadas a alfabetização exige e como o letramento tem tantos desdobramentos e importância na sociedade.

Outro ponto a ser destacado é das atividades desenvolvidas em meio a pandemia da COVID 19 e além de despertar temas como o multiletramento, letramento digital e a educação a distância destacou a importância da educação e da Pedagogia, que mesmo em meio a uma situação tão atípica não pode parar.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: orientações educacionais complementares**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

CASTANHEIRA, M. L. **Letramento escolar**. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-escolar#:~:text=A%20express%C3%A3o%20letramento%20escolar%20refere,que%20ocorrem%20eventos%20de%20letramento>. Acesso em: 26 set. 2020.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSTA, P. L.; VALDEZ, D. **Ouvir e viver história na Educação Infantil: um direito da criança**. São Paulo: Alínea, 2007

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104 p.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Márcio Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, Melbourne, v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.

LILLIS, T.; SCOTT, M. Deining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy. **Journal of Applied Linguistics**, London, v. 4, n. 1, p. 5-32, 2007. Disponível em: <http://www.equinoxpub.com/JAL/article/viewArticle/4563>. Acesso em: 30 set. 2020.

MELLO, G. N. Formação inicial de professores para a atenção básica: uma (re)visão radical. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 88-110, jan./mar. 2000.

MELO, V. Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais. *In*: LOPES, R. (org.). **Literatura de cordel: antologia**. Fortaleza: BNB, 1982.

NÓVOA, A. **Matrizes curriculares**. [Entrevista concedida a] TV Brasil. Brasília, DF: MEC/SEED, 2001. (Salto para o Futuro). Disponível em: https://ledum.ufc.br/arquivos/didatica/3/Professor_Pesquisador_Reflexivo.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. 1999. (Slide 19). Disponível em: <https://pt.slideshare.net/maristelaii/antonio-novoa>. Acesso em: 22 out. 2020.

ROJO, R. H. R. A emergência da "coesão" narrativa: "E daí" em narrativas infantis. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 57-86, 1996.

SOARES, M. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, M. Letramento. *In*: GLOSSÁRIO Ceale: **termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em: 28 dez. 2019.